

CETICISMO, CIÊNCIA E UNIVERSIDADE: A SUPERAÇÃO DA RAZÃO CÍNICA NA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA

Juliano Matos¹

INTRODUÇÃO

A tese pretende defender o argumento de que tanto os insumos teóricos quanto as estratégias lógico/racionais de ensino e aprendizagem para a pedagogia universitária necessitam de parâmetros didáticos fundados no ceticismo epistemológico. Partimos do seguinte problema: a crônica crise da universidade no último século, que a impede de ser o que diz que é, seja quando voltada para a prática da razão instrumental, seja quando voltada para a prática da razão crítica. A crise de hegemonia do conhecimento universitário consiste em uma crise de fundo dogmático, como sugere nossa hipótese. Identificamos na relação unívoca com a verdade e suas teorias de correspondência, o núcleo da crise de hegemonia do conhecimento acadêmico. O imaginário científico dogmático praticado no cotidiano pedagógico da academia termina por inviabilizar a diversidade, e uma estabilidade flexível e discursiva da universidade. Pensamos que a crise de hegemonia (SANTOS, 1999) do conhecimento universitário, ou a insuficiência da performance crítica da universidade, reside na prevalência de epistemologias e pedagogias que privilegiam o conteúdo e não a discursividade, são práticas dogmáticas, como definiam os gregos, realizando performance intensa no universo acadêmico. Observamos, paralelamente, a performance cínica da razão crítica, que fundada no ceticismo epistemológico, vem decaindo em razão cínica, fundada em dogmatismo pedagógico e epistemológico. Afirmam, portanto, as teorias da verdade como correspondência, onde há critérios fixos para uma verdade derradeira sobre a realidade. A universidade rechaçou violentamente a grande maioria das iniciativas da ciência irônica, como define John Horgan (1998), ou da ciência extraordinária, resistente à simples manutenção ou aplicação de paradigmas, como diz Thomas Kuhn (1997). A universidade sempre abrigou, com frequência, os “charadistas” kuhnianos, que fazem ciência dogmática como se fosse revolucionária, ou crítica, daí a o cinismo epistemológico na pedagogia universitária.

Procuramos compreender, portanto, o efeito pedagógico de uma primazia da hermenêutica sobre a epistemologia em pedagogia universitária, e do ceticismo epistemológico como fundamento pedagógico da aprendizagem nos currículos dos programas de formação do ensino superior. Sob este aspecto, inclusive, vale salientar que estamos vivendo um momento crucial nas determinações dos currículos do ensino superior no Brasil, através do Parecer 146/2002 do CNE que flexibiliza as formas de encadeamento de conteúdo, abolindo os currículos mínimos e implementando as diretrizes curriculares, sugerindo sua composição por projeto pedagógico baseado no perfil do egresso. Liberdade de composição nunca experimentada pelo sistema nacional de ensino superior.

Pretendemos, nesta mesma fase da tese demonstrar que a pedagogia universitária, tanto do ponto de vista do conteúdo, como do ponto de vista metodológico, vem sustentando proposições profundamente dogmáticas (no sentido de que estabelece fundamentos unívocos e diretivos para a aprendizagem, sem conceder liberdade crítica, lastro da estratégia zetética, investigativa, dos cétricos gregos, como veremos). As soluções que apontamos (re) aproximam o pensamento pedagógico da filosofia e da ciência (tradição iniciada por Anísio Teixeira e abandonada no Brasil, cumpre agora reabilitá-lo), da epistemologia e das teorias minimalistas da verdade, admitindo as teses deflacionadas (metafisicamente) de Rorty, Ramsey, Davidson e Quine; ou seja, advogamos a abertura pragmática e semiótica para a aprendizagem, realizando uma extensão das propriedades dos signos semióticos, afirmando que os conceitos científicos, exatamente como os signos semióticos, comportam-se sob uma escala de significação de compreender em um extremo a

¹ Professor da Escola de Administração de Empresas – UCSal, Mestre em Educação e Doutorando em Educação FAGED/UFBA, Especialista em Gestão Acadêmica OUI/IGLU/PUCRS julianomatos@uol.com.br.

motivação (conceitos científicos, verdade como correspondência com a realidade) e em outro extremo a imotivação (conceitos espontâneos, verdade como coerência lógica) na sua relação com os referentes da designação, coletivamente (e histórico-culturalmente) acordada. Encontramos, portanto, um argumento pedagógico relevante, inclusive para o desenvolvimento cognitivo nas teses céticas, com base não em teorias psicológicas, mas em teses sobre o conhecimento e sobre a verdade.

E aqui estamos diante de dois deslocamentos imediatos, que podem ser verificados na presente proposta: primeiro, a tese de que a epistemologia deve contribuir tanto quanto a psicologia ou as ciências cognitivas na orientação para o planejamento de projetos pedagógicos. Outro consiste na adoção da dúvida e da investigação como ato pedagógico fundante da aprendizagem, e não a certeza ou a autoridade (como, aliás, já observava Piaget, na formação do juízo moral na criança). Em realidade pretendo realizar (sem pretensão meus caros não na possibilidade de doutorado) um projeto reivindicado há muito por epistemólogos na área educacional: uma teoria da investigação para a pedagogia. A educação, em outras palavras, em muitos de seus momentos, deve comportar-se como a ciência: agenciamentos investigativos, sincretismo crítico e hermenêutico (o equivalente da discursividade intersemiótica, em semiótica), autonomia e composição de habilidades cognitivas parciais, coletivamente.

Inclusive, do ponto de vista da formação profissional, uma perspectiva pedagógica fundada no ceticismo epistemológico atende à necessidade de uma formação “autoprogramável”, daí ser desejável, do ponto de vista pedagógico, criar condições efetivas do estudante aproximar-se o mais rapidamente possível dos dispositivos pedagógicos ligados à produção e renovação do conhecimento, inerentes à própria atividade de pesquisa e produção científica. A educação continuada, inclusive, pressupõe agregar imediatamente ao período de formação, pedagogicamente fundado na simples transmissão de conteúdos, o elemento reflexivo e crítico presente nas atividades de pesquisa e de produção de conhecimento. O aluno de currículos profissionalizantes deve permanecer o menor tempo possível no núcleo do currículo cujo conteúdo é estático, representado pela tese do currículo mínimo, excessivamente normativo e hierarquizado, para que possa dedicar-se, com maior determinação, aos núcleos dinâmicos do currículo, bem mais sensíveis às demandas imediatas da sociedade contemporânea, construtores de laços de pertinência com a realidade regional e momento histórico de sua formação.

Presenciamos, portanto, um momento crucial para a pedagogia universitária, objeto do presente projeto de pesquisa. Estamos diante de duas alternativas fundamentais: ou a pedagogia universitária assume a reificação da cognição (um dos efeitos das tecnologias e da disseminação do conhecimento) como modos de aprendizagem, ou insiste na sua aplicação como técnica de ensino, consolidando a perspectiva da “instrucionalização” da educação, ou da Pedagogia da Instrução, ou da competência contra a transformação.

OBJETIVOS

Estruturar elementos pedagógicos para o ensino superior com base no ceticismo epistemológico nas fontes descritas a seguir:

Ceticismo e elementos para a pedagogia universitária. Segundo Plínio Smith (1992), quanto ao modo lógico da estrutura de pensamento, podemos de um modo geral identificar quatro tipos de ceticismo: o ceticismo acadêmico, o ceticismo pirrônico, o ceticismo fideísta e o ceticismo mitigado. Quando ao tema interessa basicamente ao presente projeto a distinção entre ceticismo moral e epistemológico. Neste capítulo cabe relacionar e descrever toda a tipologia cética circunscrita na pesquisa bibliográfica para recortar a especificidade dos princípios que queremos desenvolver.

Ceticismo: origens e evolução. Considerando a sistematização histórica proposta por André Verdam (1998), apontaremos já nas origens do ceticismo, na Grécia antiga, e ao longo de sua evolução, os princípios lógicos e epistêmicos que mais interessaram ao desenvolvimento científico

e pedagógico, e qual a influência que exercem, atualmente, sobre a epistemologia e pedagogia. Pretendemos destacar alguns nomes e suas posições fundamentais para a constituição do pensamento cético.

A erística ou arte da controvérsia. Tópico que será desenvolvido revelando que a controvérsia não era, na Grécia antiga, monopólio dos pirrônicos ou céticos acadêmicos. Consistia em uma técnica de argumentação relativamente independente, comum entre sofistas, cínicos, estóicos e epicuristas. Os céticos fundaram sua filosofia a partir da técnica da controvérsia, sistematizando procedimentos e conceitos teóricos de maior alcance cognitivo e uso retórico.

Pirro de Elis e o Pirronismo. Fundador do ceticismo pirrônico. Prega a superação da crença (dogma) como ascese (“paz de espírito”, “tranqüilidade moral”, “neutralidade epistemológica”, condição fundamental para o exercício da razão), ao contrário dos estóicos dogmáticos que afirmam encontrar a tranqüilidade e a razoabilidade na crença estruturada como verdade que correspondente à realidade. Sua estratégia de racionalização consistia em suprimir simultaneamente opiniões contrárias sobre o que quer que seja através de argumentos opostos. Alcançando a indiferença para com as coisas do mundo atinge uma “neutralidade” tranqüilizadora, a razoabilidade. À máxima cética dos acadêmicos socráticos “Só sei nada sei”, os pirrônicos respondem: “Saber que nada se sabe já é saber muita coisa”; ou seja, não é possível sequer saber que nada sabemos.

Amadurecimento e Formalização do Pirronismo: os modos argumentativos de Enesidemo e Sexto Empírico. Segundo Sexto Empírico uma investigação pode ter ao menos três destinos possíveis: a resposta dogmática, em que o investigador afirma ter alcançado a realidade em seu âmago primeiro, que atingiu uma verdade última e inquestionável; a resposta do ceticismo acadêmico, uma espécie de dogmatismo negativista, como veremos, dizendo que é impossível atingir tal verdade; e a do ceticismo pirrônico, que admite a parcialidade de qualquer verdade enquanto valor lógico e hermenêutico. Para o pirrônico a verdade possui uma temporalidade, uma inércia argumentativa e lógica. O cético pirrônico atinge a tranqüilidade por meio de uma oposição sistemática de argumentos, que por sua vez são estruturados por diversos modos de abordagem. Tais modos resumem a maior parte da estratégia cética de superar crenças dogmáticas.

Ceticismo Acadêmico. Deriva diretamente de Sócrates e Platão. Surge no segundo momento da academia platônica, a Nova Academia. Foi Arcésilas quem empreendeu a grande guinada teórica na academia platônica. Mas a escola atinge sua maturidade através de Carneádes. O ceticismo acadêmico aproxima-se de um dogmatismo negativista, afirmando, um argumento fundacionista negativo relativo à verdade. Ou seja, simplesmente não é possível conhecer a verdade. Enquanto o pirrônico vai afirmar que não é possível saber se é ou não é possível conhecer a verdade, ou atingir a verdade através do conhecimento. Os céticos fideístas, por exemplo, pregam que a verdade não se alcança através do conhecimento, mas através da fé.

Ceticismo Fideísta. São céticos “oportunistas”. Usam o ceticismo na idade média na tentativa de combater a razão e fortalecer a relação da fé com a verdade. Os criacionistas contra Darwin, sobretudo o bispo Willbeforce, vai usar e abusar dos argumentos fideístas.

Ceticismo Mitigado. São céticos com relação à verdade, não com relação ao conhecimento. Uma posição mais próxima da epistemologia que da filosofia propriamente. Aqui se encontram Montaigne e Hume.

METODOLOGIA

Pesquisa Bibliográfica / Conceitual.

RESULTADOS ESPERADOS

Elaboração de campo conceitual voltado para a aplicação do pensamento cético em educação superior.

REFERÊNCIAS

GIANNOTTI, A. **A Universidade em Ritmo de Barbárie**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

RIBEIRO, D. **A Universidade Necessária**. Lisboa: Editora Estampa, 1975.

SANTOS, B.S. **Introdução a uma Ciência Pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, B.S. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

TEIXEIRA, A. **Educação e o Mundo Moderno**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.